A LINGUAGEM POÉTICA DE LYGIA BOJUNGA NUNES

Ana Lúcia Maria de Souza[*]

I - Considerações Iniciais

Lygia Bojunga Nunes, escritora de renome dentro e fora do país, já teve sua obra estudada sob vários aspectos: estrutura ficcional, nível temático, nível dos valores ideológicos, construção dos personagens, etc. Entretanto pouquíssimas vezes foi observado na obra desta escritora a riqueza poética com que ela tece suas estórias repletas de originalidade. Diante disto, o presente trabalho tem por intenção ressaltar alguns elementos poéticos recorrentes na prosa de Lygia Bojunga. Para tanto, foram observados os seguintes livros da autora: Os colegas (1972); Angélica (1975); A bolsa amarela (1976); A casa da madrinha (1978); Corda Bamba (1979); Tchau (1985) e Meu amigo pintor (1978).[1]

Pela inovação na linguagem de estereótipos literários e sociais, crítica às injustiças sociais, ênfase na necessidade vital de liberdade de pensamento e alta valorização do imaginário, da fantasia, a obra de Lygia Bojunga recebeu inúmeros prêmios: Os colegas (Prêmio jabuti de literatura infantil); Angélica (considerado em 1975 "O melhor para a criança" pela Fundação Nacional do livro infantil e juvenil da (FNLIJ)); A bolsa amarela (recebeu o Láurea "O melhor para a criança" da FNLIJ e em 1978 foi indicado pela mesma entidade para "Lista de Honra" da IBBY - Internacional Board on Books for Young People); A casa da madrinha (em 1985 recebeu o prêmio Literário Flautista de Hamlim, comemorativo dos 700 anos dessa cidade); Corda Bamba (considerado "altamente recomendável para jovens?"); Tchau (considerado o melhor para o jovem pela FNLIJ); Meu amigo Pintor (Adaptado pela própria autora para o teatro com o título "O pintor", é montado em 1985 e recebe dois prêmios "Moliére" concedidos pela Air France aos melhores espetáculos - o de texto dado a Lygia Bojunga Nunes e o de incentivo ao teatro infantil dado a Bia Lessa). Em 1982 pelo conjunto de sua obra, Bojunga recebeu o prêmio internacional "Hans Christian Andersen".

II - O contar poético de Lygia Bojunga Nunes

Lygia Bojunga assim como Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Marina Colassante, Bartolomeu Campos de Queirós e muitos outros, conseguiu através de obras extremamente inovadoras (caracterizadas por uma linguagem poética associadas a uma visão crítica do mundo) romper com o "discurso utilitário", que imperava desde o surgimento da literatura infantil no século XVIII, apresentando uma literatura que Edmir Perrotti denominou "discurso estético".[2]

---

[*] Profª de primeiro grau menor e estudante de LETRAS na UFPB - CAMPUS II.

O discurso estético de Bojunga caracteriza-se por uma magia, por uma suavidade que prende o leitor da primeira à última página de seus livros. Esta magia é criada a partir de uma linguagem "oralizante, culta, sugestiva, ágil e descontraída que Lygia vem utillizando desde o seu primeiro livro (e aperfeiçoando de título... para título...)".[3]

Este caráter de sugestividade da obra de Lygia Bojunga está presente nos próprios títulos dos livros da autora: A bolsa amarela (a cor amarela como uma sugestão da imaginação fértil da menina Raquel, personagem principal da estória que guarda na bolsa amarela todo o seu universo imaginário). Vejamos:

"Comecei a pensar em tudo que eu ia esconder na bolsa amarela. Puxa vida, tava até parecendo o quintal da minha casa, com tanto esconderijo bom, que fecha, que estica, que é pequeno, que é grande. E tinha uma vantagem: a bolsa eu podia levar sempre a tiracolo, o quintal não" (A bolsa amarela, p.28).

A casa da madrinha (lembrando um pouco a idéia de fada madrinha - aquela que ajuda, que protege. A casa da madrinha pode ser lida como o lugar mágico onde todas as fantasias podem ser realizadas). observamos:

"E o armário sempre com comida, e o outro sempre com roupa, e o porão cheio de coisa pra brincar, e a cadeira se espichando toda para ele tirar uns cochilos, acordando de vez em quando só para ouvir a chuva caindo lá fora". (A casa da madrinha, p. 52)

Corda bamba (a corda do trapézio simbolizando tanto a memória da menina Maria que foi rompida com a queda e morte dos pais durante um espetáculo no trapézio, como o cordão umbilical que liga a personagem a seus pais). Vejamos:

"Maria acordou na hora certinha: estava recém clareando. Abriu a janela sem fazer barulho, olhou tudo em volta: ninguém. Pegou o arco e saiu pro calçadão" (Corda bamba, p.63).

"Márcia e Marcelo estavam segurando a criança que tinha acabado de nascer. Maria espichou o pescoço, louca pra ver. Louca pra se ver. Quis gritar "nasci! o bebê no barco sou eu!", mas a emoção era tão grande que o grito não saiu. (Corda bamba, p.80).

Esta sugestividade na obra de Lygia Bojunga revela-se através de uma variada gama de recursos estilísticos articulados à riqueza e originalidade de metáforas surpreendentes".[4]

***criação de neologismos a partir de combinações novas de elementos da língua:**

"Não foi a fala que enguiçou, foi a história. Enguiçou junto com o estalo. Só quando o estalo **desestalar** é que a história desestala também, quer dizer continua até o fim" (A bolsa amarela, p.52).

"Diziam que vira-latice pegava: era só bater muito papo com um vira-lata pra gente ir se **viralatando** também".(Os colegas, p.65)

"Angélica olha aqui o ovo onde você nasceu. Achei que era melhor trazer de volta pra você **desnascer**. (Angélica, p.62).

***emprego de palavras compostas que segundo Sandroni é de "inspiração nitidamente Lobatina":**

"parado-que-nem-bobo-sem-fazer-nada" (**Angélica, p.77**)

"...que eu ia ser galo-tomador-de-conta-de-galinha"(**A bolsa amarela, p.53**).

***Animização de objetos e animais:**

"O fecho falou um tlique bem baixinho com todo o jeito de certo" (A bolsa amarela, p.29).

"Fiquei danado. Subi no poleiro e berrei: não quero mandar sozinho!..." (**A bolsa amarela, p.36**).

***A fantasia criada a partir de imagens extremamente originais:**

" Mas aquele vermelho que caiu lá na frente só pode ter sido um pingo de... de coisa que também doeu em você" (**Meu amigo pintor, p.53**)

"Todo o mundo ficou parado sem exergar coisa nenhuma. Mas depois o sol fez um rasgão na névoa, entrou e foi empurrando o nevoeiro embora..."(**Corda bamba, p71**)

"Agora a manhã vai alta, e o carnaval - impaciente faz um barulho danado lá fora" (**Os colegas, p.28**)

"Um sonho quieto, que não deixava o lago mexer nenhum pedacinho dele. A água então ficava valendo de espelho" (**Angélica, p.10**).

***Emprego frequente de onomatopéias:**

"...Aconteceu uns troços que chateiam a gente, que a gente **plim!** desliga, esquece" (**Corda bamba, p.20**)

"... Eu não peso nada ... E é bom andar sempre comigo: de repente você tem outra vontade que começa a crescer demais e eu, **Plim!** dou uma espetada nela" (**A bolsa amarela, p.36**).

"Toque, toque, bateram na porta outra vez" (**Angélica, p.39**)

"Mas não é ah sim! Ele se chamava um ah gritando com força. Assim, ó: Aaaaaaaaaaaah! (**A casa da madrinha, p.76**)

***Expressividade na grafia das letras com o intuito de enfatizar certas palavras e ou expressões:**

"...e onde tinha escrito "eu estou chateado" ele botou dois pontos e rabiscou bem grande: VOCÊ NÃO OLHA PRA MIM!" (**Meu amigo pintor, p.35**)

"Hoje finalmente eu tomei a decisão de acabar o meu livro o aviso não me interessa mais. Se essa é a minha pai..."(**A troca e a tarefa - Tchau**)

***Emprego de rimas:**

"Botou correio, botou pulgueiro, aumentou a horta, e quando foi aumentar o mar, não deu lugar"(**Corda bamba, p124**)

"Fiz que nem na poesia: transformei o Omar no mar. Tem mar tão bom de olhar. E inventei uma ilha para botar nele: uma ilha pra eu ir lá morar: de praia de areia fininha, onde o mar chegava a toda hora. E fui inventando uma porção de coisas pra acontecer na ilha" (**"A troca e a tarefa" - Tchau, p.57**).

Tudo na vida tem jeito meu compadre
Só sê inguinorante é que num dá pé
num só a gente vive naquele vinagre"
como só pode fazê o que os outros qué (**Os colegas, p.54**).

***Emprego de aliterações:**

"O pavão ficou com uma porção de pedaços de linha pendurados lá dentro do pensamento dele. Às vezes, o pensamento se enredava nos fiapos, ficava preso, não conseguia passar, e aí o pavão só ficava pensando a mesma coisa, só fiz até o pensamento desenredar" (**A Casa da Madrinha, p. 27**)

***Apelo às cores, à luz e ao movimento:**

"Experimentei pintar uma aquarela; pintar com tinta a óleo eu também quis; pintar de qualquer jeito, mas quem diz? Tentei, tentei, cansei; eu só quero virar com letra" (**A troca e a tarefa" - Tchau, p.63**).

"...nunca pensei que silêncio fosse assim tão branco: E aí, sim, eu vi mesmo que o meu amigo tinha morrido e que branco doía mais que preto, o amarelo nem se fala, doía mais que qualquer cor" (**Meu amigo pintor, p.9**).

"...o medo de abrir porta foi embora: até mesmo a porta cinzenta, até a porta vermelha!" (**Corda bamba, p.122**)

"- Olha o céu tá cinzento - o Afonso falou
- compra papel vermelho, vai ficar um bocado bonito no meio de tanto cinza. Comprei, Mas também comprei amarelo: tô sempre achando amarelo genial" (**A bolsa amarela, p.71**).

***Jogo com as palavras**

"Devagrinho com um medo danado de errar, o porco pegou o nome dele e trocou o "c" por um "t"...
o porco então respirou sossegado: agora se chamava porto" (**Angélica, p.16**).

"A escola pra onde levaram o pavão se chamava escola **Osarta** do pensamento. Bolaram o nome da escola pra não dar muito na vista. Mas quem

estava interessado no assunto percebia logo: era só ler Osarta de trás pra frente". (**A casa da madrinha, p.24**)

*** Uso de repetição:**

"Apaguei a lâmpada
não transformei mais nada.
Mais nada
nada" (**"A troca e a tarefa" - Tchau, p.62**)

"- Achei umas bolas de pingue - pongue furadas!
- Achei umas escovas de dente velhas!
- Achei barbante!
- Achei umas penas de galinha
- Achei bola de gude!
- Achei caixa de sapato vazia!
tudo servia" (**Os colegas, p.24**)

*** O emprego de símbolos que segundo Sandroni tem como função "satisfazer o "eu" por meio de uma transformação do real em função dos desejos..."**
O barco (símbolos de liberdade)
"O barco andou mar à beça, e quem gostou foi a linha forte: ela adorava viajar, e era um tal de ver ilha, de ver porto, de ver peixe, de ver coisa que só vendo". (**A bolsa amarela, p. 89**).
"Eles engrenaram bem o pescador e o barco. Um sabendo o jeito do outro. Os dois sentindo juntos a hora certa de esperar o peixe, de arrastar a rede" (**Tchau, p.71**).
"No barco tinha um homem chamando ela. Ela foi. E conforme ia indo pela ponte, ia crescendo, crescendo, virando moça, quando encontrava com o homem já tinha virado mulher" (**Corda bamba, p.124**)

O Cavalo ah!: A bolsa amarela e a Casa da madrinha (símbolos do imaginário, da fantasia infantil).

"- Vamos andar a cavalo?
- Onde é que tem cavalo?
- A gente inventa um,
- Então tá. Como é que ele vai ser?
- Ele podia ser amarelo com rabo cor de laranja". (**A casa da madrinha, p. 76**)

"Cheguei em casa e arrumei tudo que eu queria na bolsa amarela. Peguei os nomes que eu vinha juntando e botei no bolso sanfona. O bolso comprido eu deixei vazio, esperando uma coisa bem magra pra esconder lá dentro...Abri um zipe; escondi fundo minha vontade de crescer; fechei. Abri outro zipe; escondi mais fundo minha vontade de escrever;..." (**A bolsa amarela, p.29**).

III - CONCLUSÃO

Ao lermos um livro de Lygia Bojunga, é impossível não nos sentirmos completamente envolvidos e encantados com a maneira singular com que esta escritora aborda problemas tão sérios como "a perda dos pais", "a miséria", "o abandono", "a solidão", "a impotência diante da morte", "o desnível sócio-econômico entre seres que se amam", "a incompreensão dos pais em relação aos filhos", "a repressão da escola" e muitos outros, sem que suas estórias percam o encanto e o lirismo sempre tão presentes.

Desta forma, Bojunga consegue produzir uma literatura que, se assemelhando ao mundo "infantil", funde realidade concreta (por mais problemática que seja) com o mundo dos sonhos, mostrados neste trabalho, e de um humor sutil e inteligente com que a escritora tempera suas estórias.

NOTAS

[1] E o fato de não termos observado as obras Livro, nós três e Sofá estampado, também de Lygia Bojunga, foi em decorrência de não termos tanta intimidade com elas como temos com as que foram escolhidas.

[2] PERROTI; Edmir. O texto sedutor na literatura infantil. São Paulo: Ícone, 1986.

[3] COELHO, Nelly Novaes. O sofá estampado IN Ensaios de semiótica: cadernos lingüistícos e teoria da literatura, número 18-20, Belo Horizonte, 1987/1988.

[4] SANDRONI, Laura. De Lobato a Bonjuga (As reinações renovadas). Rio de Janeiro: Agir, 1987.

BIBLIOGRAFIA

1. COELHO, Nelly Novaes. O sofá estampado IN Ensaios de semiótica: cadernos lingüistícos e teoria da literatura, número 18-20, Belo Horizonte, 1987/1988.

2. PERROTI; Edmir. O texto sedutor na literatura infantil. São Paulo: Ícone, 1986.

3. SANDRONI, Laura. De Lobato a Bonjuga (As reinações renovadas). Rio de Janeiro: Agir, 1987.